

# Direitos e Saberes Feministas em Tempos de Pandemia



Arsenal Poético

Luciana Melo



CURSO DE EXTENSÃO  
DIREITOS E SABERES FEMINISTAS EM TEMPOS DE  
PANDEMIA

ARSENAL POÉTICO

LUCIANA MELO (ORG)

BRASIL, JULHO-AGOSTO/2021



Licenciatura em  
Educação do  
Campo - UFRRJ



em tempo de pandemia: o que fazer?

ficar

Em casa, mas

ENCONTRE-SE

PARA RENOVAR  
AS ENERGIAS

HORA DE REVER

**Consumo**

indiferença intolerância  
cultura de morte

CRENÇAS INDIVIDUAIS

pensar

UM OUTRO OLHAR

sobre

NOSSAS RELAÇÕES

pois

VALE MAIS

a

VIDA

IRMANDADE

solidariedade

esperança

Humanidade

UM

**mundo melhor.**

Reforce a sua imunidade!

CULTIVAR AFETOS, DERROTAR A VIOLÊNCIA!

ARTE POR: LUCIANA MELO

Este material é parte integrante do Curso de extensão Direitos e saberes feministas, realizado em julho e agosto de 2021 e recopila as intervenções político-artísticas realizadas por Luciana Melo. Luciana, ao preparar as intervenções, analisou e trabalhou sobre as temáticas de cada uma das sessões do curso e a também trajetória das mulheres que participaram das atividades.

## FICHA TÉCNICA

### Organização Geral

Luciana Melo

### PROJETO GRÁFICO

Ana Carolina Tavares da Rocha  
Guilherme Vasconcelos Ferreira

### FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO

[rosalux.org.br](http://rosalux.org.br)

### COLETIVA DIÁLOGOS FEMINISTAS

[@coletivadialogosfeministas](https://www.instagram.com/coletivadialogosfeministas)

Brasil, Julho-Agosto-2021

Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é de responsabilidade exclusiva dos organizadores e não representa, necessariamente, a posição da FRL.

Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença Creative Commons de Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas (BY-NC-ND)





# SUMÁRIO

Sessão II: Mulheres, raça e classe em tempos de pandemia .....	7
Sessão III: Saúde em tempos de pandemia .....	13
Sessão V: Crise do Cuidado .....	20
Sessão VI: Feminicídio, transfeminicídio e direitos de pessoas LGBTQIA+ .....	25
Sessão VII: Conflitos ambientais e violência no campo .....	33
Sessão VIII: Raça, racismo e branquitude .....	39
Sessão IX: Pesquisas, ações e saberes .....	44

Sessão II:  
Mulheres, Raça e Classe em tempos de pandemia



# CANTO DAS TRÊS RAÇAS

*Mauro Duarte*  
*Paulo Pinheiro*

Ninguém ouviu  
Um soluçar de dor  
No canto do Brasil  
Um lamento triste  
Sempre ecoou  
Desde que o índio guerreiro  
Foi pro cativoiro  
E de lá cantou  
Negro entoou  
Um canto de revolta pelos ares  
No Quilombo dos Palmares  
Onde se refugiou  
Fora a luta dos Inconfidentes  
Pela quebra das correntes  
Nada adiantou  
E de guerra em paz  
De paz em guerra  
Todo o povo dessa terra  
Quando pode cantar  
Canta de dor  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô  
E ecoa noite e dia  
É ensurdecador  
Ai, mas que agonia  
O canto do trabalhador  
Esse canto que devia  
Ser um canto de alegria  
Soa apenas  
Como um soluçar de dor





# PORQUE CANTAMOS

*Mário Benedetti*

Se cada hora vem com sua morte  
se o tempo é um covil de ladrões  
os ares já não são tão bons ares  
e a vida é nada mais que um alvo móvel

você perguntará por que cantamos

se nossos bravos ficam sem abraço  
a pátria está morrendo de tristeza  
e o coração do homem se fez cacos  
antes mesmo de explodir a vergonha

você perguntará por que cantamos

se estamos longe como um horizonte  
se lá ficaram as árvores e céu  
se cada noite é sempre alguma ausência  
e cada despertar um desencontro

você perguntará por que cantamos

cantamos porque o rio esta soando  
e quando soa o rio / soa o rio  
cantamos porque o cruel não tem nome  
embora tenha nome seu destino

cantamos pela infância e porque tudo  
e porque algum futuro e porque o povo  
cantamos porque os sobreviventes  
e nossos mortos querem que cantemos  
cantamos porque o grito só não basta  
e já não basta o pranto nem a raiva  
cantamos porque cremos nessa gente

e porque venceremos a derrota

cantamos porque o sol nos reconhece  
e porque o campo cheira a primavera  
e porque nesse talo e lá no fruto  
cada pergunta tem a sua resposta

cantamos porque chove sobre o sulco  
e somos militantes desta vida  
e porque não podemos nem queremos  
deixar que a canção se torne cinzas



Sessão III:  
Saúde em tempos de pandemia



# CHÁ PARA TODAS AS DORES

*Curso Mulheres e Mega Projetos*

Modo de preparo

Abra a porta do quintal e desça até o jardim.

Deixe que as folhas guiem seus passos.

Hoje é sábado, ou seja, pode ser dia de curar-se com Hortelã ou Alecrim.

Aqueça as mãos

Elas são curativas

Peca licença as mais velhas.

Em seguida, realize a coleta, sem desperdício.

Com água já aquecida no fogão

Mentalize beijos de saudade e abraços que acalmam

Escola um par de xícaras na cristaleira

Lave a louça com cuidado.



# TANTO MAR

*Chico Buarque*

Foi bonita a festa, pá  
Fiquei contente  
Ainda guardo renitente  
Um velho cravo para mim  
Já murcharam tua festa, pá  
Mas certamente  
Esqueceram uma semente  
Em algum canto de jardim  
Sei que há léguas a nos separar  
Tanto mar, tanto mar  
Sei também quanto é preciso, pá  
Navegar, navegar  
Canta a primavera, pá  
Cá estou carente  
Manda novamente  
Algun cheirinho de alecrim  
Canta a primavera, pá  
Cá estou carente  
Manda novamente  
Algun cheirinho de alecrim





# CANÇÃO PARA A HUMANIDADE

*Jorge Luis Ribeiro*

Olha o quintal  
Uma nova flor que se abriu  
Uma semente ou um inseto voou  
O céu prepara vento, será que chove?  
Seguiremos de mãos dadas ao coração na azul  
distância,  
Que pode nos aproximar  
Seremos irmãos pelas ruas vazias pois assim  
é o jeito de amar o outro  
Uma xícara de café com pão ao gari que  
inadiável passa invisível  
A todos que mantém-nos alimentados e são  
Daremos aos obscuros transeuntes de poder  
que desprezam,  
Ignoram a vida, que leiloam a morte pela  
arrogância, mentira e lucros inadiáveis,  
Nossa resposta de cuidado  
Nossos laços estreitos e inquebráveis de  
estarmos do lado da vida  
No campeão solidário dos gestos  
No estendimento de nós nos outros  
Cuido da humanidade quando estendo meu cuidado  
de mim a todos  
Na comunidade que pode ser humana e comunidade  
De comum unidade  
De compartilhar as sementes da esperança  
Talvez nasceremos diferentes depois da tormenta  
Na nossa casa comum dos afetos  
Estes que estão do lado da morte passarão  
Nós reafirmaremos nossa imunidade à ganância,  
obscuridade e maldade

A vida não tem idade  
A luta não tem grade  
E mesmo em tempo doente  
O espírito respira liberdade...

Sessão V:  
Crise do Cuidado



Tava durumindo, Cangoma me  
chamou  
Tava durumindo, Cangoma me  
chamou  
Disse: levanta povo,  
cativeiro já acabou  
Disse: levanta povo,  
cativeiro já acabou

Clementina de Jesus



# A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES

*Mário Benedetti*

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
a lua fêmea, semelhante nossa,  
em vigília atenta vigia  
a nossa memória.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
há mais olhos que sono  
onde lágrimas suspensas  
virgulam o lapso  
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
vaginas abertas  
retêm e expulsam a vida  
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles  
e outras meninas luas  
afastam delas e de nós  
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá  
jamais nos olhos das fêmeas  
pois do nosso sangue-mulher  
de nosso líquido lembradiço  
em cada gota que jorra  
um fio invisível e tônico  
pacientemente cose a rede



# CANTO II

*Clementina de Jesus*

Muriquinho piquinino, muriquinho piquinino,  
Parente de quiçamba na cacunda.

Purugunta aonde vai, purugunta aonde vai,  
Ô parente, pro quilombo do dumbá.



Sessão VI:  
Feminicídio, transfeminicídio e direitos de  
pessoas LGBTQIA+



# CANÇÃO DA MULHER LATINO AMERICANA

*Mário Benedetti*

Descreve do jeito que bem entender  
Descreve seu moço  
Porém não se esqueça de acrescentar  
Que eu também sei amar  
Que eu também sei lutar  
Que eu também sei  
Que meu nome é Mulher  
[...]



*Luciana Melo*

Quando minha mãe abre a boca para conversar durante o jantar meu pai enfia a palavra silencio nos seus lábios e diz que ela nunca deve falar com a boca cheia.

Foi assim que as mulheres da minha família aprenderam a viver com a boca fechada.

“Terezinha, você está imprestável!”

“Terezinha, você está tan tan!”

A pimenta que arde na boca de quem odeia, despreza, ofende, xinga, explora, ignora. Risos que afundam a existência de quem carrega o peso do dia a dia.

Banquete de horrores, gordura, açúcar e veneno.



“DESTINO DE MARIA  
É SER MARIA DE LUTA!”

## UM POEMA PARA MARIA

*Ingrid Maria*

Andava na rua  
debaixo do sol  
vi Maria  
trabalhava empurrando  
um carro de mão  
com garrafas de plástico  
seu rosto  
rasgado  
pelo  
tempo  
dizia tudo.  
que destino é esse  
que PALAVRA é essa  
que destino tem Maria que  
trabalha  
trabalha  
trabalha  
e não tem destino certo  
se tem pão na mesa, ou não  
se morre amanhã, com bala perdida  
se morre com cova certa  
ou indigente  
se morre na fila de hospital

## PÚBLICO

sem convênio privado  
se o traste que mora em casa lhe dá um tapa  
um soco  
um murro na cara  
pra onde vai

## PRA ONDE VAI

pra onde vamos

uma casa de passagem?  
uma tia, uma vizinha?  
ou não!  
fica aguentando  
aguentando  
até vir outro murro

que destino que tem a minha gente?

cadê claudia

cadê jacira

C-A-D-Ê

e essas Marias que cá estão

pobres  
aborteiras  
e putas

destino de Maria é ser  
Maria de luta!

ah quando essas Marias todas se ajuntar  
sapatão, trans, viadas  
pretas  
brancas  
vermelhas  
amarelas  
e todas outras coloridas da mesma classe!

punhos erguidos  
pedras e sonhos nas mãos  
seremos todas  
MARIAS DA REVOLUÇÃO!

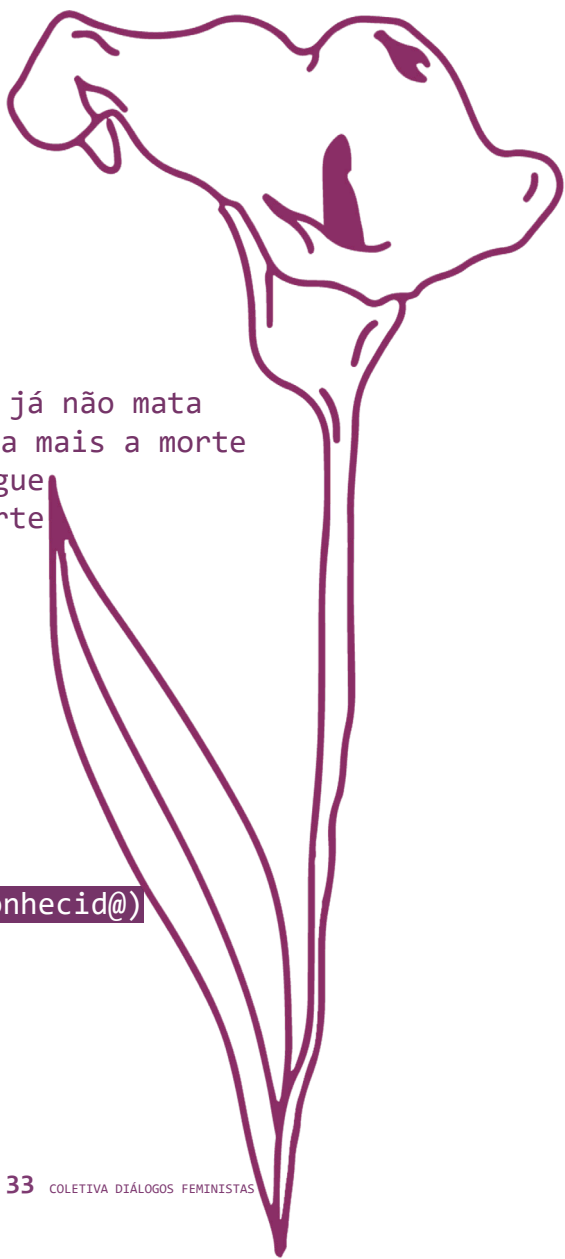
Ei, ei, ei, ei, ei...  
Ao longo dos anos me transformei  
Fui santa, fui bruxa, fui outa  
E não me calei  
(Rede Magdalenas – Teatro da Oprimida)



Sessão VII:  
Conflitos ambientais e violência no campo

A morte já não mata  
Já não mata mais a morte  
O chão regado a sangue  
A flor nasce mais forte

(Autor/a desconhecid@)







# APRENDER A SER ATINGIDO

*Angélica Peixoto*

Tarefa difícil a minha, tarefa difícil a nossa: aprender a ser atingidos.

Como assim?

Precisamos nos comportar como atingidos

Tem comportamento próprio para atingidos?

Não sei.

Sei que precisamos aprender a viver/conviver com essa realidade.

Realidade que me faz pensar em direitos, reuniões, assembleias, acordos, fundação, reconstrução, reassentamento...

Conceitos que me deixam confusa.

Confusão que dificulta a apreensão de palavras simples como: pedir, exigir, negociar, lutar, certo, errado.

Choro por isso. Me sinto atingido por não saber ser atingido.

Perdi lá objetos afetivos, sentimento de pertencimento, acolhimento, conquistas.

Não sei como atingida contabilizar minhas perdas ou o que ainda posso perder.

Como calcular a extensão de tudo o que aconteceu?

A lama de rejeito nos atingiu, e junto com ela, veio morte, ganância, preconceito, discórdia, medo...

Medo do futuro

Medo de não reconhecer a nova Paracatu

Medo de não conhecer a nova Paracatu

Medo de perder amigos no caminho

Medo de sentir medo

Tem curso pra aprender a ser atingido?


Não, mas o tempo vai ensinando  
Nesse processo de reflexão percebo, compre-  
endo e aceito que não há um modelo.  
Nem é externo a mim.  
Vou aprender, sendo que sou: atingida pela  
barragem do fundão.  
É necessário assumir o lugar de protagonis-  
ta de sujeito de direitos. Mas não sozinha  
e sim com minha gente, gente que sente e  
passa pelo mesmo conflito.  
Vou aprender, pois estou no caminho.

Terra meu corpo  
Água meu sangue  
Vento meu alento  
Fogo meu coração




Autor/a desconhecid@

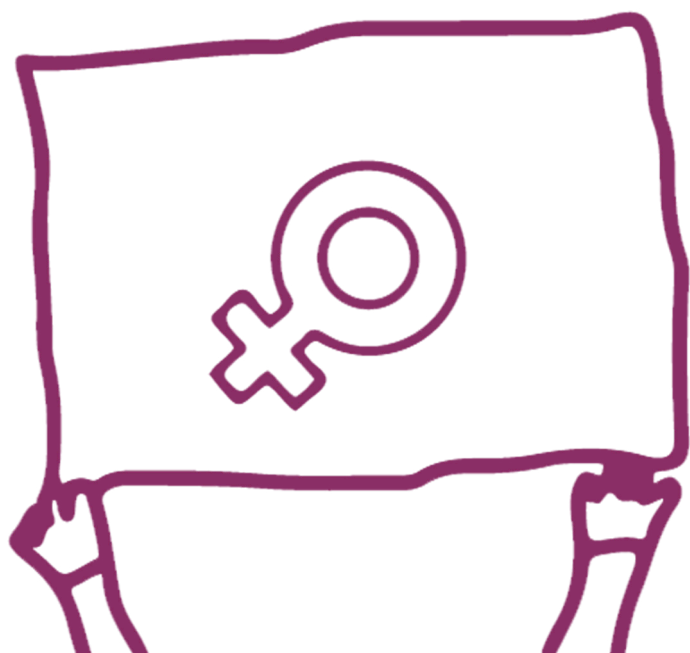
Sessão VIII:  
Raça, racismo e branquitude



Vim no balanço do mar lá de Angola  
Vim no balanço do mar lá da Guiné  
Vim no balanço do mar de Moçambique  
Só quem veio sabe como é  
[...]



Autor/a desconhecido@







# VOZES-MULHERES

*Conceição Evaristo*

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda  
ecoou versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.  
A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.



Na Lagoa do Abaete  
Encontrei Dona Sinha  
Tava lavando o abada  
Ora meu Deus, pra dança no Candomblé  
Ela joga capoeira  
também joga capoeira.  
Todos sabem como é  
joga homem e menino  
e também joga mulher. [...]  
Sou mulher, Eu sou Maria  
Capoeira de valor  
Doze homens me chamavam,  
Ora meu Deus  
E melhor saber quem sou, camara.  
Água de beber  
Goma de engomar  
Ferro de passar  
Ferro de furar  
Aço de matar  
E é a capoeira  
Eu sou mandigueira...

Mestra Suelly



Sessão IX:  
Pesquisa, ações e Saberes



Touro e cavalo bravo não se amança  
Eu não tenho medo  
Fui saindo  
lá da mata  
com a minha benção hoje cedo



Ponto de Boiadeiro



# DESVIO ATLÂNTICO

*Dolorianas*

Olhando para a mata  
eu vejo a mata de dentro de mim  
uma trilha, um tiro,  
uma picada, um caminho,  
um desvio atlântico sul  
Nas areias do meu seio de amamentar  
garças e urubus  
sobrevoando eu e minha mata.  
Embrenhando no mato  
calor e umidade  
sigo  
Pés afundados no mangue,  
cabeça no topo dos guapururus  
raízes como veias  
correndo por dentro da terra  
onde passam vidas  
de onde nascem as flores.



# O VOO DA GARÇA

*Dolorianas*

Dedico a minha vida  
A voar  
Não pras horas  
Não pras datas  
Muito menos  
Pros negócios  
Mas ao céu e ao vento que varre mundos.  
Minha pele que se molda com o tempo,  
Minhas dores em movimentos ósseos,  
Meus filhos brincam de formar imagens ines-  
quecíveis,  
Entre os dias  
Borboletas me fogem pelo portão

Dedico minha vida  
Ao mar  
Não para as ondas  
Não pros pescadores  
Muito menos  
Oras embarcações.  
Mas às águas, aos mares do mundo.  
Fina chuva que cai de en'costas largas  
Meu olhar por vezes ri molhado  
Meu mar saliva, espuma e baba entre os anos  
A água foge pelos dedos  
Dedico minha vida  
À terra  
Não praz fazendas  
Pros territórios  
Pros asfaltos  
Mas ao chão, ao grão  
Lugarejos descalços caminham  
Sem pés



Dobram-se joelhos ao coração por fim  
A terra nos abraça  
Mas como diz o poeta  
O impulso do voo  
Ainda está no chão.



# JARDIM DA FANTASIA

*Paulinho Pedra Azul*

Bem te vi, bem te vi  
Andar por um jardim em flor  
Chamando os bichos de amor  
Tua boca pingava mel  
Bem te quis, bem te quis  
E ainda quero muito mais  
Maior que a imensidão da paz  
Bem maior que o sol  
Onde estás?  
Voei por este céu azul  
Andei estradas do além  
Onde estará meu bem?  
Onde estás?  
Nas nuvens ou na insensatez  
Me beije só mais uma vez  
Depois volte prá lá  
Bem te vi, bem te vi  
Andar por um jardim em flor  
Chamando os bichos de amor  
Tua boca pingava mel  
Bem te quis, bem te quis  
E ainda quero muito mais  
Maior que a imensidão da paz  
Bem maior que o sol

Onde estás?  
Voei por este céu azul  
Andei estradas do além  
Onde estará meu bem?  
Onde estás?

Nas nuvens ou na insensatez  
Me beije só mais uma vez  
Depois volte prá lá





**FUNDAÇÃO  
ROSA  
LUXEMBURGO**  
BRASIL E PARAGUAI



coletiva  
diálogos feministas



Licenciatura em  
Educação do  
Campo - UFRRJ

